

*A* hora de amanhecer ainda não tinha chegado. Sentia-se na luz do céu que muito rapidamente as estrelas começariam a apagar-se para dar as boas vindas ao astro rei.

Numa cela, húmida e escura, um homem estava de pé, de costas para o mundo, mas de frente para o pouco céu que podia ver da minúscula janela.

Vestia a sua simples e velha túnica de monge com o capuz sobre as costas, deixando ver a sua cabeleira selvagem sobre os ombros.

Se não fosse pelos imperceptíveis movimentos da sua respiração, poderia ser perfeitamente uma figura de cera observando o exacto momento da transmutação entre a noite e o dia.

Absorto neste mundo, não era capaz de distinguir o som de passos que se aproximavam da sua cela. O tilintar de chaves anunciava a abertura da porta gradeada que o separava do universo exterior.

Depois de um ruído invasivo, um homem engalanado com as vestes supremas de cardeal atravessou aquele lúgubre espaço.

Mal se ouviam os seus passos firmes sobre o chão de pedra, contrastando com o silêncio do monge que permanecia imóvel.



– Chegou a tua hora – disse o cardeal ao prisioneiro num tom frio e solene.

Como única resposta, o monge colocou tranquilamente o capuz sobre a sua cabeça, como se aquele gesto o ajudasse a isolar-se ainda mais do mundo, com a interrupção provocada pelo cardeal. Reflectindo de si para si, disse em voz alta como se não houvesse mais ninguém na cela:

– O sol ainda está por nascer. Questiono-me em que momentos nascerão os outros sóis dos outros mundos.

O cardeal, incomodado com a tranquilidade do prisioneiro, aproximou-se exasperado do monge e sussurrou-lhe com sarcasmo:

– A tua boca levou-te demasiado longe. – E, rindo-se, continuou: – Nunca mais verás nem este sol nem os outros.

O monge teve pela primeira vez uma leve reacção. Mal voltou o seu rosto, coberto pelo capuz, para lhe responder pacificamente:

– Será apenas o meu corpo que se despede hoje do mundo. O sol estará sempre vivo no meu espírito.

A um gesto do cardeal, dois guardas entraram na cela, dirigindo-se com brutalidade ao prisioneiro e, como se tivesse olhos na nuca, esticou as mãos para trás, entregando-se sem resistência aos verdugos.

Eles, como se não tivessem reparado na sua mansidão, trataram-no brutalmente, torcendo-lhe os braços atrás das costas para o amarrar e imobilizá-lo de uma vez.

O cardeal Bellarmino observava a cena da porta, com um prazer que não disfarçava, sem suspeitar que a incipiente luz que entrava por ela, longe de o beatificar, satanizava-o.

– A mordaca! – Gritou como se quisesse rematar a acção dos seus sequazes sobre o prisioneiro.



Enquanto um dos guardas seria selvaticamente e o prendia como se fosse um touro furioso, o outro metia na boca do monge uma tira de couro preto que lhe deixava o rosto desfigurado pela tensão do nó.

O cardeal, excitado por finalizar a sua tarefa e sabendo que o monge já estava impossibilitado para lhe responder, gritou-lhe com os olhos raiados de ódio:

– Ninguém te recordará, Giordano Bruno! Passarás à história sem obra e sem mensagem. E o teu sofrimento destes oito anos de prisão e especialmente este dia de sacrifício terão sido em vão.

Enquanto o cardeal saía da cela, com passos apressados como se o tempo nesse inóspito espaço tivesse sido mais do que o suficiente para o seu habitual bem-estar, os olhos do monge encobertos pelo capuz seguiam-no com uma tranquilidade que não era deste mundo, até se perder completamente na negritude da sua prisão.

